



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

RAZÃO DIALÉTICA DO ACONTECIMENTO GEOGRÁFICO PROCESSOS DEMOGRÁFICOS

Publicado no site em 14/03/2014

Euripedes Falcão Vieira*

A população é formada por aglomerados de pessoas em diversas escalas de totalidades ou parcialidades. A formação da população tem base, sempre, nos processos demográficos, quer em núcleos seminais ou em estruturas demográficas já instaladas. Como acontecimento geográfico, a população se transforma, individual e coletivamente, no âmbito conceitual e paradigmático de transformação sobre transformação, como ocorre nas conformações físicas. A evolução da população como totalidade se processa em ritmos demográficos quantitativos e qualitativos diferenciados nas parcialidades consideradas. Assim, diferenças evolutivas são realidades nas taxonomias populacionais de grande porte, como civilizações, ou sociedades singularizadas por nacionalidades. Em qualquer dos casos, em macro ou micro escala de dimensionamento do quantitativo populacional, o ritmo demográfico de desenvolvimento reporta-se a complexas variáveis de relações sociais, ambientais e econômicas.

Os processos demográficos replicam a população dando-lhe o caráter quantitativo, de crescimento, e qualitativo de organização social. Os processos demográficos e as variáveis que sobre eles atuam (migração, diversidade étnica, condição ambiental, evolução cognitiva, conhecimento, inovação, mudança, iniciativa econômica) estabelecem íntima conexão com o território, moldando arranjos civilizacionais. O resultado da conexão entre as variáveis dos processos demográficos, em diferentes graus de dinamismo, cria o perfil da população para determinada territorialidade. No corpo populacional se estabelece um movimento de evolução sociológica, econômica e cultural. As sociedades formadas ao longo do desenvolvimento populacional sempre tiveram ritmos evolutivos diferenciados. O crescimento demográfico nem sempre representou necessariamente uma mudança qualitativa, de estruturação cognitiva que levasse, pelo conhecimento, a novas práticas sociais, econômicas e culturais. Por vezes, em longas durações do tempo histórico, populações identificadas por simbolismos recalcitrantes, permaneceram envoltas em práticas condicionadas e repetitivas. Marcadas por nacionalidades etnicamente construídas, muitas sociedades permaneceram retardatárias em relação a outras cujo dinamismo encurtou os tempos de inovação e mudança.

Os processos demográficos tiveram, no tempo histórico e, também, antes dele, suas atualidades. Foi tempo de períodos de mudanças viabilizadas por um signo, a introdução de uma prática, de um novo conhecimento, de uma nova instrumentação para a atividade econômica. Há um passado sem registro, outro com testemunhos líticos e os tempos históricos a partir dos quais são possíveis identificações de signos no campo da evolução dos processos demográficos. Foucault (1996:74) "afirma que é necessário isolar no interior da história um acontecimento que tenha o valor de signo. Signo da existência de uma causa permanente que ao longo da história tenha conduzido os homens pela via do progresso". Portanto, há sempre um acontecimento capaz de provocar mudança; esse acontecimento é uma inovação, um conhecimento novo.

A dialética do acontecimento demográfico conduz a rupturas cognitivas que abrem caminho à transformação e, conseqüentemente, à mudança. Para o rompimento de perenidades estruturais e organizacionais das sociedades é necessária a superação de simbolismos, costumes, tradições e poder de longa duração. A rigidez funcional no ordenamento da sociedade condiciona um tempo perdido de conquistas individuais e coletivas.

Na origem, os processos demográficos representam um acontecimento geográfico. O lugar de escolha do assentamento inicial de um grupo populacional é feito em consonância com

determinadas premissas de sustentabilidade. A replicação, a organização e a funcionalidade formalizam uma estruturação socioeconômica que vai se institucionalizando na medida da expansão populacional. Assim, os processos demográficos, partindo de um agrupamento seminal, foram delineando conglomerados maiores, diferenciados por condições de ancestralidade e zonalidade ambiental, em nacionalidades institucionalizadas e, numa escala de maior complexidade, em civilizações.

As diferenças de caracteres físicos entre os agrupamentos humanos ao longo da história representam mutações que se perdem nas mais remotas ancestralidades. Porém, foram replicadas em gerações sucessivas pelos processos demográficos, ainda que, ao longo do tempo, tenham mudado por miscigenação nas tipologias físicas ou nos costumes em razão de mudanças culturais. Mas em amplas áreas geográficas há perenidades de origem, muitas em interações ambientais, de costumes e práticas de sobrevivências bem primitivas.

Embora a realidade do dinamismo dos processos demográficos na condição reprodutiva, inegavelmente, o mesmo não se reconhece em relação ao progresso, como uma ideia de modernidade que sempre se renova a partir da afirmação de que "o homem é aquilo que ele faz", Touraine (1999:9). Mas o que o homem faz, o que produz, com base em conhecimento e mudança representa progresso quando há evolução cognitiva e inovação. Assim, o homem liberto de condicionamentos sociais e culturais avança no conhecimento por ele próprio desenvolvido, tornando-se o agente da transformação.

Os processos demográficos, no que representam o sucesso da civilização, ganham dimensão sempre que um tipo de racionalidade se instala no interior de um agrupamento populacional. Racionalidade dinâmica, criativa, inovadora, movida por um signo novo capaz de impulsionar a capacidade cognitiva, abrindo caminho ao conhecimento científico e tecnológico.

A sociedade atual, no conjunto e em suas complexidades, é o resultado da evolução dos processos demográficos em diversas escalas. Na imensa população terrestre encontram-se nichos populacionais nos quais contrastam os mais brilhantes avanços do conhecimento com práticas humanas retardatárias. Não são desconhecidos os condicionamentos a diferenciar os ritmos de desenvolvimento cognitivo em diversos agrupamentos populacionais. Os ritos ancestrais, vindos de passado remoto, os cerceamentos por crenças e costumes, o isolamento, a perenidade de práticas produtivas, numa palavra, o espectro antropológico de poder inibiram por longa decorrência a dinâmica das mudanças e, conseqüentemente, o avanço a novas etapas civilizacionais.

Em outra dimensão, ainda que observadas as lentidões dos meios instrumentais de época, os processos demográficos ganham dinamismo, evoluíram pela inovação e mudança, mesmo a custos elevados pela ousadia e determinação.

As transformações ocorridas no corpo populacional de diversas nacionalidades já formadas e naquelas em formação, quer por processos de conquista de Estados, quer por dependências institucionais por meio de incorporações, uniões, blocos, comunidades nem sempre representaram um contínuo evolutivo. Contingenciamentos de época marcaram, por longos períodos, uma razão de inércia sociológica, retardando o avanço civilizacional, como nos casos representados por cerca de 500 anos da chamada idade média ocidental e, posteriormente, no ciclo da descoberta e ocupação de novos continentes, os documentos institucionais conhecidos como estatutos coloniais impostos em vários continentes, impondo poder e dominação sobre estruturas civilizacionais nativas.

A institucionalização colonial de Estado na América Latina em mais de três séculos redirecionou o desdobramento dos processos demográficos, no confronto entre conquistadores de Estado e as civilizações nativas. Uma nova ordem demográfica se estabeleceu pelo conteúdo étnico miscigenado e por imposições de estruturas produtivas, organização social e nível cultural interagindo com o poder dominador.

Em outra condição civilizacional, contudo, os processos demográficos tiveram um desdobramento diferenciado. Especificamente, em parte da territorialidade da América do Norte, a individualidade da ação protagonizou um ideário institucional novo, de grande dinamismo e identidade telúrica entre população e território, suficiente à indissociabilidade na construção de uma nacionalidade ativa e inovadora pelas práticas econômicas, pela ciência e tecnologia.

O sucesso das civilizações e das sociedades nacionais é o movimento da ideia de progresso. "A razão existencial se renova pelo progresso. Mas está condicionada culturalmente, podendo isolar-se no atraso ou avançar por uma forma de evolução do pensamento. Nesse sentido cria uma razão existencial dinâmica, evolutiva em ritmo de transformação", Vieira

(2012:10). O desenvolvimento dos processos demográficos, em suas diversas escalas e ritmos, tanto na visão geográfica como histórica esteve, ao longo do tempo, condicionado a uma lógica de comportamento. Tanto pelo arcabouço antropológico de origem, tanto pela razão sociológica estabelecida.

O processo demográfico quer em assentamentos iniciais, quer em adensamentos populacionais de escala, como na atualidade, representam, sempre, a base de estruturação e organização social. A dinâmica demográfica na presente modernidade passa por intenso processo de mudança, não só na replicação como no modo de vida, influenciado, principalmente, pela revolução dos costumes e pela tecnologia.

Mesmo em estruturas antropológicas antigas a razão sociológica tem impulsionado o modo de vida das populações para mudanças significativas nos hábitos, costumes e comportamento. A partir da segunda metade do século XX as transformações ganharam impulso em vários segmentos da população mundial. As inovações tecnológicas em rápida expansão repercutiram nos costumes e comportamento da população. A dinâmica dos processos demográficos sofreu alterações significativas em função dos avanços qualitativos na formação profissional e, conseqüentemente, nas aspirações de melhores condições de vida.

Em poucas décadas sociedades nacionais mudaram seus perfis históricos por meio da inovação e mudança, possíveis pelos conhecimentos que brotaram de novas configurações cognitivas. Assim, sociedades que incorporaram a transformação pela via da qualificação pessoal, mudaram, rapidamente, seus espectros históricos de prazo longo para a inserção de vanguarda no ordenamento da presente modernidade.

Há, ainda, grande desigualdade mundial na dinâmica dos processos demográficos. Os índices de natalidade passam, nas sociedades mais desenvolvidas, por decréscimos significativos. Por outro lado, aumenta a longevidade da população, alterando os antigos padrões demográficos. A qualificação e conseqüente profissionalização do contingente feminino mudou a conformação no âmbito familiar, com naturais conseqüências socioeconômicas. Mudou a partir da segunda metade do século XX a estrutura familiar, a disputa de ocupações e a crescente transformação nos contingentes por idade.

Mesmo alguns países até pouco tempo dominados por tradições antigas e altos índices de fecundidade mudaram, recentemente, a visão demográfica de expansão por retração nas taxas de nascimento. Os perfis populacionais em seqüência a mudanças nas variáveis que compõem os processos demográficos (nascimentos, longevidade, migrações, mobilidade espacial, urbanização, profissionalização, impactos tecnológicos, ocupação, estrutura cognitiva) mudaram substancialmente na recente transposição de modernidade. A sociedade tecnológica transita rapidamente, moldando novas estruturas cognitivas o que leva à ampliação do conhecimento e, em conseqüência, a costumes e formas de comportamento em rápida mudança. Uma nova geração já não é apenas diferente da anterior, mas acentuadamente incorporada às inovações e modos de pensar e agir no cenário da transição tecnológica, científica e de formação contínua.

Os perfis das gerações da segunda metade do século XX mudaram com a introdução de variáveis no campo do conhecimento e dos costumes. Certamente, os novos conhecimentos, a tecnologia principalmente, deu um grande impulso a novas formas comportamentais. Contudo, nos anos 1960 tem início à revolução dos costumes, um movimento interno de sociedades ocidentais, replicado em outras dimensões espaciais. Embora as contradições geradas pelos movimentos sociais da época, o alargamento da estrutura cognitiva da juventude foi, progressivamente, delineando um processo de emancipação nos antigos costumes. Mais liberdade em concepções de vida, aspirações pessoais independentes de condicionamentos impostos por tradições, ordenamentos sociais e culturais. Maior liberdade pessoal, busca pela formação profissional compatível com as novas formas de ocupação evoluídas pelas inovações tecnológicas, já em processo de signo, para tempos de rupturas entre uma modernidade industrial que iria se esgotar até o final do século e outra, mais leve, flexível, virtual e global triunfante ao se iniciar o século XXI.

Essa mudança entre modernidades, pela rapidez com que ocorreu, não tem precedentes nos tempos de transição de outras modernidades. Nesse ponto, a inovação tecnológica, mudando rotinas, formas de comunicação, rompendo fronteiras e criando novos hábitos e comportamentos deu, em curta decorrência de tempo, um dinamismo sem precedentes aos processos demográficos. A nova concepção demográfica na primeira década do século XXI é moldada por um aparato tecnológico sempre renovado, distanciando-se dos métodos e das técnicas incorporadas na brevidade evolutiva do conhecimento. O conceito paradigmático de transformação sobre transformação é uma realidade no campo da tecnologia e em sua interação

com os processos demográficos de atualidade.

Não há como dissociar a realidade atual do avanço tecnológico, da ação estratégica, da constante evolução dos conceitos e métodos de gestão, da profissionalização de formas de ocupação que vão continuamente se desdobrando pela ampliação da capacidade mental e geração de novos conhecimentos. Desta forma, os processos demográficos que dão identidade de época às populações seguem o intenso ritmo das transformações em expansão na escala global.

As características dos processos demográficos no que se refere a atualidades têm suas variáveis. Vieira e Vieira (2004:99) destacam evoluções paradigmáticas motivadoras de mudanças tecnológicas: "revolução tecnológica das ferramentas, das máquinas e da microeletrônica introduziram novos sistemas de produção e relações sociais, revolucionando a própria organização da sociedade. Todas tiveram seus paradigmas, ou seja, o conjunto de inovações técnicas que repercutiram na organização social. Há, contudo, caracterizações fundamentais entre as três grandes revoluções tecnológicas que o mundo conheceu: a velocidade do processo evolutivo, a razão das mudanças provocadas e a realidade material e imaterial que formaram o espectro amplo e diferencial entre elas". As grandes revoluções tecnológicas citadas tiveram, naturalmente, tempos de perenidades diferenciados, só rompidos pela emergência de novo signo, capaz de reorientar as práticas produtivas e os modos de pensamento. Não há dúvida, porém, que a última grande revolução tecnológica – microeletrônica – tem peculiaridades específicas, pois seu ritmo de inovação representa uma transitoriedade permanente.

A análise em macroevolução dos processos demográficos nos longos períodos de rupturas de épocas valida a natureza lenta e condicionada dos costumes e comportamentos dominantes. Todavia, ao se analisar, particularmente, a revolução nos meios de comunicação e informação a partir dos anos 1970, verifica-se nova dinâmica nos processos demográficos mudando, substancialmente, os perfis de populações cujas sociedades nacionais protagonizam inovações. A quebra de paradigmas se expandiu em todas as coordenadas terrestres, com maior ou menor intensidade, na esteira da nova ordem econômica, global, complexa e dominante.

Em termos mundiais, o crescimento da população, nos últimos 60 anos, passou de uma estimativa de 03 bilhões para mais de 07 bilhões em 2010 (ONU). Mesmo considerando decréscimos nas taxas de nascimentos em vários países, a tendência é para um quantitativo crescente para as próximas décadas. Certamente, a repercussão em todas as variáveis dos processos demográficos será significativa. As taxas de nascimentos ainda vão superar as de envelhecimento e mortalidade, com previsão para mais de 10 bilhões de pessoas nas décadas mais imediatas. Esse quantitativo agravará o desequilíbrio demográfico em relação aos modos de subsistência. Mesmo considerando as possibilidades tecnológicas de produção de alimentos haverá problemas sérios na distribuição. A estimativa das Nações Unidas é de que atualmente em torno de dois bilhões de pessoas são carentes de necessidades básicas.

A replicação dos processos demográficos na atualidade e que repercutirá nos próximos anos levanta questionamentos de ordem quantitativa e qualitativa. Quantitativamente qual será o limite para a expansão da população, na relação entre a ocupação demográfica e a necessidade crescente de espaços para produção de alimentos, ou seja, espaços agriculturáveis. Por outro lado, há a considerar os limites de exploração dos recursos naturais e os consequentes desequilíbrios ambientais. Qualitativamente, as exigências populacionais crescerão igualmente em relação a quesitos de formação profissional, formas de ocupação, atendimento à funcionalidade orgânica, mobilidade social, organização produtiva, absorção migratória, internacionalização cultural, privacidade, relação Estado e sociedade, enfim, um desdobramento de demandas incapazes de atendimento nos padrões atuais.

Os grandes contingentes populacionais, as profundas desigualdades sociais e o atraso nos campos do conhecimento geram problemas de escala nos processos demográficos. Os excessos demográficos ainda marcantes no conjunto populacional, relacionados a ritmos retardatários de desenvolvimento por condicionamentos históricos geram, na atualidade o descompasso no complexo quadro da população mundial. A análise dos processos demográficos da atualidade destaca três variáveis principais: migração, ocupação, qualificação. Todas representam a interação entre altas taxas de nascimentos e baixos índices de desenvolvimento econômico e formação profissional.

A migração é a dramaturgia demográfica numa época de contrastes entre segmentos altamente qualificados à ocupação em atividades econômicas inovadoras e, em posição oposta, os grandes contingentes desqualificados para um mercado de trabalho que os consideram "refugo humano" para usar a expressão de Bauman (2005:12). "A produção de refugo humano,

ou mais propriamente, de seres humanos refugados, os excessos e redundantes é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade". Há diversas circunstâncias para os excessos localizados de reprodução sem controle da natalidade: pobreza extrema, falta de ocupação mínima à sobrevivência, conflitos étnicos e religiosos, desvios no exercício do poder político e busca desesperada por melhores condições de vida. Essas circunstâncias não podem mais motivarem deslocamentos em massa em busca de novas terras para colonizar. Essa premissa ficou para trás. Restam os movimentos de pessoas saídas de sociedades arcaicas e conflitantes em direção forçada para as sociedades modernas, muitas das quais foram, no passado, colonizadores de suas terras. O alarme mundial é como tratar migrantes sem qualificação num ordenamento produtivo global altamente exigente em mão de obra. Há, também, o impacto sociocultural de inegável efeito em sociedades consagradas étnica e culturalmente.

O problema da ocupação dos migrantes se acentua nos contingentes não qualificados. Paradoxalmente esses contingentes procuram exatamente, em seus movimentos migratórios, sociedades instrumentais, de mercado de trabalho mais sofisticado, no qual as inovações e mudanças tecnológicas e de gestão não lhes são favoráveis. "Os que são excluídos do movimento incessante das inovações e da decisão não se apóiam mais numa cultura de classe, no meio operário ou popular. Eles não se definem mais pelo que fazem, mas pelo que não fazem; pelo desemprego e pela marginalidade", Touraine (1999:193). Houve, na verdade uma transposição de época na qual a taxonomia de trabalho mudou a partir do perfil da mão de obra x disponibilidade de ocupação. O operário como classe deixou de existir, assim como enfraqueceram suas organizações sindicais e contextos ideológicos. Para migrantes ou não as relações de trabalho são de outra ordem. A instrumentação tecnológica, incluindo os métodos de gestão estratégica, abre espaço para o terceiro item das variáveis demográficas nominadas: qualificação. A profissionalização tornou-se, com o fim a era industrial, o paradigma fundamental à funcionalidade do novo sistema produtivo e à disponibilização de ocupações. "A era industrial, das plantas fabris com tecnologia pesada e fixa, e milhares de operários acabou. As classes sociais que a fundamentaram, a burguesia e o proletariado, não mais representam o papel principal no processo do desenvolvimento. A era pós-industrial assumiu o paradigma do conhecimento e da informação, apoiado na revolução tecnológica e no desencadear da multiplicidade de técnicas. A era pós-industrial distingue a nova classe dominante, a que exerce poder pela gestão do conhecimento e da informação. A percepção dessa evolução da realidade é decisiva à reestruturação da sociedade e, principalmente, ao equacionamento das relações de trabalho emergentes", Vieira e Vieira (2007:66). Como era pós-industrial entenda-se o fim dos grandes edifícios fabris, dos planos de carreira, das tecnologias fixas, da massa operária sindicalizada e de poder centralizado. O processo de mudança, a inovação produtiva e outras particularidades das grandes indústrias, lento e de prolongada perenidade passaram por profunda e rápida transformação. A partir dos últimos decênios do século XX um processo de transformação já em curso ganha velocidade no plano global.

As fábricas cedem espaço às unidades estratégicas de produção, num dimensionamento fragmentário em todos os continentes, criando os lugares globais de produção e montagem. Essa transformação em ritmo acelerado, impulsionada pelos avanços científicos e tecnológicos, abriu novos horizontes aos métodos de gestão e às relações de trabalho. Na observação de Valentei (1978:15) "os processos demográficos constituem a base natural do desenvolvimento da população; são permanentes por sua condicionalidade sociológica e, ao mesmo tempo, estão sujeitos às mudanças influenciadas pelo meio ambiente, as condições de vida e trabalho, determinadas por sua vez pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas e das relações dominantes na sociedade". Assim, ao mudar o perfil das forças de produção mudaram, igualmente, as necessidades de formação profissional para trabalhos especializados.

As migrações como ocorrem hoje, em massa de fugitivos em busca de novas oportunidades de vida em países desenvolvidos acaba não se realizando por carências de formação. Ocorre, então, o rejeito dos imigrantes desqualificados, compondo uma das maiores problemáticas a serem vencidas pelos governos globais. O que fazer com os imigrantes que chegam, enfrentando a ilegalidade de permanência e a transparente rejeição cultural? Na América do Sul, particularmente, no Brasil vem ocorrendo à migração de baixa qualificação e que, por razões políticas e humanitárias é aproveitada em trabalhos temporários. O outro componente nessa migração fugidia é o choque cultural confrontante. Essa onda migrante de várias etnias resultante de insatisfações locais de sobrevivência acaba por desencadear processos demográficos miscigenados, alterando a consumação de perfis étnicos, de modos de vida, de costumes, de identidades locais e, conseqüentemente, em seqüência, promovendo a dissociação cultural.

No âmbito dos processos demográficos outras variáveis atuam sobre as transformações

de época. O envelhecimento das populações replica não só nos perfis de ocupação, formação técnica como, com grande impacto, nas políticas públicas. Os novos patamares de expectativa de vida induzem a uma formação continuada, de atualização correspondente à rapidez das transformações tecnológicas e dos métodos de gestão.

Nas sociedades desenvolvidas e nas que procuram acelerar suas práticas econômicas e políticas, a dialética da transformação mostra uma face atual de transição permanente, no curto e médio prazo. Não há mais o longo prazo no ordenamento global da presente modernidade. Os longos séculos da revolução industrial das máquinas, do operariado, dos movimentos revolucionários contra o liberalismo econômico terminaram, irrevogavelmente, pela evolução lenta e progressiva das técnicas e, no acumulado dos anos, pela velocidade tecnológica atual. A própria revolução operária, de gigantesco alcance geográfico também sofreu entropia sistêmica. Enquanto o mundo do liberal capitalismo se autotransformava por inovações e mudanças continuadas, seu contraponto tornava-se vítima de seu rígido sistema centralizado de planejamento e poder. As perdas no campo tecnológico e social o levaram à brevidade de um modelo contraposto que inverteu o dogma inicial de liberdade pela prática da tirania.

Os processos demográficos permearam o confronto ideológico, com visões próprias de um mundo em transformação e que chegaria ao final do século XX com os alvares da globalização. Essa, "é uma ordem econômica ampla, complexa e dominante. Para entendê-la é preciso, acima de tudo, ter noção de sua funcionalidade sistêmica. A globalização tem uma lógica de ação, de articulação, funcionando em tempo real por meio de uma gigantesca teia de interconexões. A partir do entendimento da razão global, do poder irradiado e da gestão do território poderão ser montadas, com sucesso, as políticas de planejamento e gestão estratégica", Vieira e Vieira (2007:17). As políticas públicas na ordem global inclui nova sistemática de análise dos processos demográficos desencadeados. Há várias realidades a serem consideradas, porém, para cada uma, a identificação das mudanças sociais é fundamental com vistas ao planejamento e à gestão estratégica da tendência e comportamento da população.

O desenvolvimento em níveis satisfatórios para sociedades de maior ou menor incremento demográfico será o resultado do aperfeiçoamento de políticas públicas que levem em conta as variáveis de nascimentos, expectativa de vida, tempo de ocupação e profissionalização. As atividades produtivas em perspectivas futuras passarão por mudanças substanciais. Na esteira da inovação e mudança organizacional, a atividade humana terá atores em nova estrutura etária. A mudança de estrutura etária em ocorrência desde as últimas décadas do século recém-findo vem impondo métodos analíticos capazes de permitir outra configuração da dinâmica dos processos demográficos e suas naturais consequências na elaboração de políticas públicas compatíveis.

Considerando as normas sociais estabelecidas para uma conformação etária de larga base jovem, a progressiva mudança estrutural, na pirâmide etária, por força de aumento nas expectativas de vida em diversos países, estabelece-se a necessidade de mudanças na lógica de formação e dos benefícios sociais envolvidos. Nem todos os países alcançam de modo equânime elevados padrões de vida e avanços nas tecnologias de saúde que lhes permitam igualdades nos índices de longevidade. Contudo, em algum momento, a realidade da duração existencial vai alcançar limites bem acima em precedências de poucas décadas. Inevitavelmente, procedimentos de mudanças terão de ser implantados, causando, num primeiro momento, conflitos de interesses. O alargamento da faixa etária entre juventude e velhice não é necessariamente um mal. Duas consequências são importantes: 1) mais e melhor tempo de formação de mão de obra jovem, mais qualificada e de maior produtividade; 2) maior aproveitamento de experiências adquiridas em longevidade. Os benefícios em nível de sociedades nacionais com a maior qualificação da juventude se refletem, portanto, num ganho de desempenho qualitativo. Há, também, a circunstância de com maior qualificação, os jovens desenvolvam atividades criativas em maior escala, fato concreto no que tange à prestação de serviços ao contrario da antiga cadeia sequencial de emprego no modelo fabril. Em outra perspectiva etária, o alargamento da faixa intermediária da pirâmide aumenta a vida útil das pessoas, suas satisfações pessoais e maior tempo de renovação de objetivos e metas de vida. Mesmo na ponta etária mais avançada o desfrute da vida pode se realizar por algum tipo de atividade produtiva.

A revolução tecnológica, as transformações nas atividades econômicas, os movimentos sociais e culturais, os direitos humanos, a integração feminina na sociedade e as questões ambientais formam uma nova ordem sociológica, com mudanças significativas nos costumes, costurando uma visão transformadora da condição existencial. Formou-se, a partir, principalmente, dos anos 1970, uma forte interconexão entre as variáveis que foram se tornando realidade e inserindo na vida cotidiana. "A interação entre esses processos e as reações

por eles desencadeadas fizeram surgir uma nova estrutura social dominante, a sociedade em rede; uma nova economia informacional/global; e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real. A lógica inserida nessa economia, nessa sociedade e nessa cultura está subjacente à ação e às instituições sociais em um mundo interdependente”, Castells (1999:412). Numa transição rápida, como ainda não havia ocorrido na história emergiram com o avanço tecnológico, as descobertas científicas, os métodos de organização das práticas produtivas, a gestão dos territórios e comportamentos individuais e coletivos em sociedades diferenciadas das anteriores. Mesmo as sociedades nacionais mais fechadas em tradições e costumes começaram a se abrir pelo impacto global das atividades econômicas e das forças por elas libertadas. “Surge uma nova sociedade quando e se uma transformação estrutural puder ser observada nas relações de produção, de poder e de experiência. Essas transformações conduzem a uma modificação também substancial das formas sociais de espaço e tempo e ao aparecimento de uma nova cultura”, Castells (1999: 416). A percepção de transformações rápidas no corpo social das populações induz a admitir mudanças na lógica dos processos demográficos. Há uma interação íntima, uma interconexão de permanentes desdobramentos social e cultural na identidade demográfica. A globalização transgrediu as fronteiras nacionais para o estabelecimento de identidades nos costumes e comportamentos de natureza transterritorial.

A sintonia global das transformações tecnológicas e a incorporação em tempo real das variáveis dos processos demográficos torna, pela realidade virtual, o amplo e complexo campo econômico, social e cultural o cenário de transformações sucessivas no desencadeamento dos processos demográficos. É a nova face da sociedade construtora da presente modernidade.

Mas essa realidade que alcança elevados níveis de desenvolvimento humano também, por outro lado, amplia os níveis de pobreza e gera escassas possibilidades de transpor seus limites e chegar a níveis de sobrevivência dignos. Para que isso se torne uma possibilidade lógica no desenvolvimento dos processos demográficos no mundo das desigualdades sociais é preciso, seguindo os parâmetros do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), satisfazer níveis de conhecimento pelo acesso à educação, gerando condições de formação profissional que permitam a entrada nas novas modalidades de ocupação. Para alguns autores, entre eles Rivero (2000:33) um elemento crucial na globalização “é o crescimento da pobreza no mundo. Ela cresce mais rapidamente na África, porém, em números absolutos, concentra-se na Ásia: um bilhão de pessoas em situação de extrema miséria, no sul e leste asiático (Índia, Paquistão, Bangladesh, Indonésia e China) que juntos, reúnem quase a metade da população planetária”. Somam-se a esse contingente os estados de pobreza e miséria na América Latina e em alguns isolamentos demográficos em todos os continentes.

O paradoxo de bem-estar e pobreza tão presente nos cenários dos processos demográficos da atualidade é bem perceptível para os analistas e órgãos especializados em demografia, como os vinculados à ONU. Para Rivero (2000:33) “junto ao extraordinário desenvolvimento tecnológico que estamos vivendo, à melhoria considerável da saúde e da educação no mundo, à industrialização e ao consumismo de dezenas de milhões de pessoas, na Ásia e América Latina, coexiste a outra face, a face deformada da economia internacional”. É inegável que o aperfeiçoamento das matrizes da educação e saúde projetou melhorias no nível de vida resultante da replicação dos processos demográficos. Há, ainda, um longo caminho para se obter resultados positivos na elevação do padrão educacional das totalidades populacionais. As parcialidades representadas por muitas nacionalidades etnicamente reconhecidas como identidades de origem, e sujeitas a arcaísmos institucionais consagrados documentalmente ou por práticas simplesmente repetidas situam-se, por longas temporalidades, à margem dos avanços nos campos essenciais do desenvolvimento. A educação é a fronteira entre o sombrio mundo da ignorância e o brilhantismo cognitivo, a duplicidade socioantropológica que perpassa os anos, séculos e milênios. Rivero (2000:53) fala das “áreas de iniquidade”, como analfabetismo (total e funcional) e exclusão educacional (no sentido amplo).

A qualificação do sujeito terá nas próximas décadas a educação como o paradigma primordial. Individual ou coletivamente, o sujeito só se libertará da pobreza hereditária, adquirida na exclusão social ou na reprodução irracional se a ele se oportunizar a formação profissional de acordo com as novas possibilidades de ocupação. Mudança nas relações políticas, nas prioridades estratégicas do desenvolvimento, principalmente nas empobrecidas populações da América Latina, Ásia e África será o instrumental capaz de elevação qualitativa das populações no desdobramento dos processos demográficos.

A funcionalidade econômica mudou com a aplicação contínua de tecnologias de ponta e, com ela, novas relações de trabalho se estabeleceram. A mobilidade social tornou-se uma realidade mais transparente, principalmente nos contingentes desempregados. Contudo, vem produzindo efeitos positivos nas gerações qualitativamente formadas na nova divisão espacial do

trabalho. "Pode-se trabalhar analiticamente com a possibilidade concreta de mudança radical no perfil do sujeito individual e sua inserção na sociedade como ator social, ou seja, como sujeito social. Em 1960, os estudantes de nível superior no Brasil eram 95.691; em 1994, esse número saltou para 1.661.034; em 1998, a matrícula no ensino superior alcançara 2.125.958; e em 2003 chegaram a 3,5 milhões (MEC/Inep)", Vieira e Vieira (2004:176). Os autores afirmam que mesmo com tais avanços e considerando a extraordinária expansão da rede privada de instituições de ensino superior, a taxa de escolaridade superior no Brasil é ainda muito baixa. É preciso entender, ainda, o nível de qualificação profissional da plataforma de educação brasileira, ainda não contemplando o aprofundamento da formação tecnológica e científica. A revolução educacional, tão necessária no âmbito dos processos demográficos na América Latina, África e Ásia (para imensos contingentes retardatários) não se realizou, embora a clara percepção de sua necessidade histórica, principalmente, no ordenamento global. "A educação e a elevação cultural balizarão a sociedade do século XXI. Não há como esperar uma sociedade de relações na qual os valores e significados não estejam firmemente ancorados na educação {...} Não há melhor projeto para a recuperação do atraso cultural, para o resgate da pobreza histórica e para qualificação do sujeito nacional do que o centrado na educação, na pesquisa e no desenvolvimento cultural. Cada país será o resultado de seus investimentos em educação. Populações qualificadas produzem desdobramentos importantes no setor econômico, nas relações sociais, e conscientizam todos os segmentos nacionais da importância do fortalecimento da grandeza nacional num mundo de relações globais", Vieira e Vieira (2004:177). As gerações que se sucederem ao longo do século XXI entraram num mundo de transformações cada vez mais rápidas. Como terão maior longevidade enfrentarão permanentemente incertezas. Serão as incertezas da evolução do conhecimento científico, da criação tecnológica e da mudança dos costumes. O enfrentamento será com possibilidades, probabilidades, transição, enfim, evolução permanente.

O produto dos processos demográficos da presente modernidade estará permanentemente diante de cenários de possibilidades concretas de alargamento das estruturas cognitivas e ampliação de conhecimentos. Porém, igualmente, diante da crueldade das desigualdades sociais e culturais, condicionantes de práticas de uma moralidade contrastante ocorre entre grupos sociais. Em muitas experiências as diferenças tem um marco histórico, perpassadas por anos de condicionamentos sociais, culturais, religiosos e geográficos. São experiências remotas de ritmo lento na teoria geral do desenvolvimento; consagram-se como processos demográficos retardatários.

O progresso como ele se realiza na atual modernidade é, inegavelmente, uma transição de formas, conceitos e paradigmas. O que hoje faz efetivamente a diferença nas atividades produtivas, e o fará com maior intensidade nos anos vindouros, é o capital intelectual, aquele resultante do desenvolvimento da capacidade cognitiva que gera o avanço do conhecimento humano. Todo esforço das políticas públicas deverá se voltar para a redução drástica das "áreas de iniquidade" já referidas. "Se a pobreza é uma iniquidade social, a fome o é com muito mais razão ainda. A fome, nos níveis dramáticos da atualidade, é o fracasso da capacidade humana de organizar e planejar a sociedade de forma a garantir a todos, independentemente da condição étnica e de outras diferenças, uma existência compatível com a racionalidade superior da espécie", em Vieira e Vieira (2004: 134). A replicação dos processos demográficos em relação à diversidade cultural nas sociedades instituídas se faz, ainda, seguindo o rito da tradição. Porém, o avanço do conhecimento, da ciência e das técnicas consagrarão a formação de um processo cultural capaz de rupturas amplas, epistemológicas, capazes de redirecionar o dinâmico mundo do desenvolvimento, como ele se apresenta na atualidade.

Em síntese, os processos demográficos seguem a lógica das transformações assim como o conceito paradigmático primordial do Universo. Toda existência, física ou biológica é, na verdade, um movimento ad aeternum de mudança pelas transformações da matéria e energia no interior da incompreensível bolha de espaço-tempo na qual se estabelece a dialética do acontecimento.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
CASTELLS, Manuel. Fim de milênio: a era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol.3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
FOUCAULT, Michel. ¿Qué es la Ilustración? Córdoba: Alción Editora, 1996.

RIVERO, José. Educação e exclusão na América: reformas em tempos de globalização. Taguatinga/DF: Editora Universa – UCB, 2000.

TOURAINÉ, Alain. Crítica da modernidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

VALENTEI, D. Teoría de la población. Moscou: Editorial Progreso, 1978.

VIEIRA, Eurípedes Falcão. Geografia do Rio Grande do Sul: territorialidade – ambientes naturais – sociedade. 2ª edição. Porto Alegre: Edigal, 2012.

VIEIRA, Eurípedes Falcão e VIEIRA, Marcelo Milano Falcão Vieira. A dialética da pós-modernidade: a sociedade em transformação. Rio de Janeiro: FGV/Editora, 2004.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão Vieira e VIEIRA, Eurípedes Falcão. Geoestratégia global: economia, poder e gestão de territórios. Rio de Janeiro: FGV/Editora, 2007.

* Doutor em Geografia. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Voltar